SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVII
JANEIRO
DE 1971
N.º 309

Comp. • Imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

VINTE E SEIS ANOS DE VIDA

CONTINUAMOS...

Mais um ano se passou e, quando este número do jornal tiver chegado aos leitores, o período febril das festas do Natal e da chegada de um ano novo já pertencerá ao mundo das recordações

Foi-se 1970. Que poderá «Sempre Pronto» dizer do ano que se acaba de escoar? Condicionado à expansão do próprio movimento que serve, — o movimento escotista em Portugal, — este periódico tem procurado cumprir o melhor possível a missão que lhe incumbe, esforçando-se por alcançar os possíveis progressos, lutando por um revigoramento do Escotismo e também pelo seu próprio rejuvenescimento, tarefa ingente, ultrapassado como está o quarto de século da sua existência e os seus colaboradores começarem a acusar uma veterania compreensível em actividade que absorve respeitável quantidade de horas, reservadas por outros para o descanso das lides quotidianas ou para simples recreação.

Não fomos felizes, mas também não completamente infelizes, nos esforços de aliciarmos jovens colaboradores, porque, embora não lográssemos o que sonháramos, algo se alcançou nesse capítulo. Esperemos que o futuro seja mais propício a novas tentativas que tenhamos de fazer.

«Sempre Pronto» continua. E continua porque temos o sentimento da utilidade da sua existência. Continua porque há a certeza de que dalguma forma o movimento seria afectado, caso este jornal desaparecesse.

No ano que findou, continuámos a consagrar a nossa atenção aos problemas da juventude, num modesto contributo para o estudo de uma questão que modernamente apaixona e preocupa a Humanidade. Ainda no campo próprio da função deste jornal, mereceram igualmente uma informação, mais ou menos desenvolvida consoante a sua importância, as actividades associativas e dos grupos de escoteiros. O Xiacnac. o Jambori no Ar, as bodas de prata de «Sempre Pronto», bem como as comemorações do XX aniversário da Fraternal e ainda o festival de natação do Núcleo A de Lisboa, foram os empreendimentos mais significativos levados a cabo pela AEP ou por órgãos afins, sobre os quais mais se demorou a nossa atenção.

No que diz respeito ao Escotismo no seu conspecto internacional, procurou «Sempre Pronto» inteirar os leitores da relevância que o movimento assume em quase todo o mundo, índice da sua grandeza e da utilidade e oportunidade da sua acção.

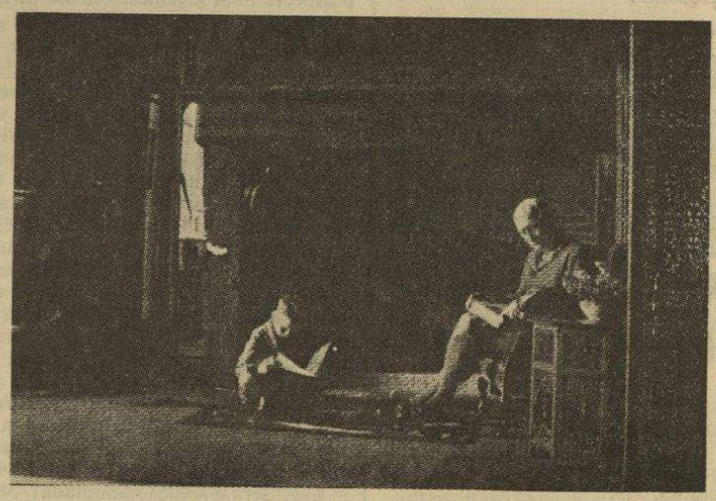
A morte do Coronel J. S. Wilson, uma das maiores figuras do escotismo mundial, teve neste jornal o destaque que o infausto acontecimento impunha. Idêntica atenção foi dada à notícia do falecimento do Comandante Álvaro de Melo Machado, histórica personalidade do Escotismo lusitano, pioneiro que foi do movimento em terras portuguesas.

Outras figuras, cuja perda o nosso movimento deplora — o Eng.º Ove Holm, Guillermo Padolina e o notável dirigente brasileiro e grande amigo dos escoteiros portugueses Dr. João Ribeiro dos Santos, bem como os prestigiosos antigos escoteiros portugueses Eng.º Paulo de Barros, Eng.º Frederico Jorge Oom e Manuel V. Leiria — também receberam deste mensário a homenagem que a sua dedicação ao movimento tinha jus.

Ao finalizar do ano, «Sempre Pronto» e os escoteiros portugueses receberam o rude golpe da perda de um amigo que, não sendo dos mais antigos, era, todavia, credor da estima

Continua na pág. 7

UMA FOTOGRAFIA HISTÓRICA



Gilwell é um dos nomes grandes do itinerário de Baden-Powell.

Desde 1919, data da inauguração do célebre parque, até os últimos anos da sua vida, B.-P. foi um apaixonado de Gilwell Park, que visitou e onde acampou inúmeras vezes. Ali assistiu à realização dalguns dos célebres cursos de aptidão escotista — os cursos da Insignia de Madeira ou do Bosque — cujo prestígio se estendeu a todo o mundo escotista.

Devem-se a B.-P. muitas das ideias utilizadas na adaptação de Gilwell a parque de escotismo. E. E. Reynolds, biógrafo de B.-P., refere que o Fundador, em 1937, tomou parte na reunião anual de escoteiros-chefes, acrescentando: «Era um acampamento em que B.-P. nunca deixava de comparecer, a menos que estivesse no estrangeiro ou doente».

Quando o rei Jorge V lhe conferiu o pariato, B.-P. escolheu o título de Lorde Baden-Powell of Gilwell, o que prova quanto lhe era grato esse nome e quanto ele representava para a sua vida.

Nesta fotografia, que se deve ao Capitão T. W. Barnard, vê-se o Fundador e o seu filho mais velho, Pedro, num tranquilo momento em Gilwell Park. Eis uma imagem que pertence à história do Escotismo, imagem de valor inestimável, como recordação saudosa que é de duas grandes figuras do nosso movimento, pois tanto B.-P. como este seu filho já nos deixaram para sempre.

(Fot. do «Bulletin de l'Amitié»)

UMA VIAGEM À AUSTRÁLIA

por ocasião da Assembleia Geral e Seminário de Amizade

promovida pela Fraternal dos Antigos Escoteiros e Guias, no próximo Outono

Uma oportunidade única é oferecida aos antigos escoteiros e guias pela Fraternal Internacional, por ocasião da Assembleia Geral dos Antigos Escoteiros e Guias, que se realiza em Melbourne, Austrália, de 1 a 8 de Outubro deste ano.

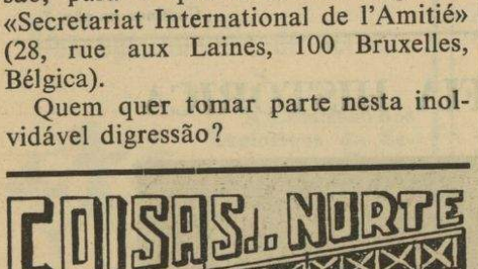
O preço da viagem, em avião, está calculado em 33 contos (475 libras, quando normalmente custaria 585 libras).

A viagem, de 25 dias, com partida de Londres, compreende visita a Delhi, na União Indiana (3-4 dias), Hong-Kong (3-4 dias), Tailândia (3-4 dias), tudo com alojamento em hotéis, com quase todas as refeições incluídas. Em Melbourne, o preço inclui as despesas de inscrição na Assembleia Geral e do hotel (4 dias), a «expedição aventura» até Sydney (4 dias) e ainda dois dias como convidado de famílias australianas.

Para esta excursão se realizar é necessário reunir pelo menos 20 inscrições e até o máximo de 40.

Todos os antigos escoteiros são convidados para participar nesta excursão, para o que se devem dirigir ao «Secretariat International de l'Amitié» (28, rue aux Laines, 100 Bruxelles, Bélgica).

Quem quer tomar parte nesta inolvidável digressão?



XIII Jambori no Ar

Participaram nesta actividade cerca de 40 elementes dos Grupos 15 e 17, acompanhados pelas Guias da Companhia Santa Isabel, que estabeleceram diversos contactos, como já foi noticiado pelo «S. P.».

Nova sede do Grupo n.º 17

Em 8 de Dezembro, foi inaugurada a nova sede deste Grupo, a cujo acto estiveram presentes a Direcção da A. C. M. do Porto, a Direcção do Grupo, numerosos Escoteiros e Escutas dos Grupos do Norte.

Durante o acto, usaram da palavra os srs. Manuel Teixeira, chefe do Grupo, Presidente da A. C. M. e António Pacheco, tesoureiro da mesma unidade. Foram distribuídas medalhas e insígnias de segunda classe a diversos escoteiros, estando a sede patente ao público, com exposição filatélica e de trabalhos manuais. — *Falcão Negro.*

NO ANO DO XIII JAMBORI MUNDIAL

A erosão ameaça o Monte Fuji, onde este ano se realiza o Jambori Mundial

Os nossos leitores já conhecem a veneração que os japoneses dedicam ao Monte Sagrado, o Fuji-Yama como eles lhe chamam, símbolo da grande nação asiática.

O Monte Fuji está, desde longa data, ligado a lendas e tradições místicas, a que o exotismo do povo nipónico ainda vem emprestar maior colorido.

Foram os Chineses, em remotas eras, que chamaram ao Japão o País do Sol Nascente, porque viam diàriamente surgir do Oriente, vindo das ilhas nipónicas, o Astro Rei. A lenda dizia que o Sol aparecia sobre o pico gelado do Monte Fuji, na grande ilha japonesa de Hondo, para além do qual, ainda segundo a lenda, era o mar imenso, povoado de monstruosos seres e de pavorosas aparições. Este halo de fantasia tem o condão de enlevar a imaginação e os sentimentos religiosos do povo nipónico, que ao longo de gerações elegeram o Monte Fuji como um centro de piedosas peregrinações, pois em especial no tempo quente multidões de forasteiros, atraídos pela majestade e beleza da montanha, empreendem a ascensão até ao pico eternamente gelado.

O Monte Fuji exerce tal atracção entre os Japoneses que são inúmeros os poetas e pintores que nele encontram inspirações para as suas criações.

Mas, suprema decepção, a montanha maravilhosa está ameaçada de um grande perigo, que põe em causa a sua integridade. Efectivamente, cientistas e técnicos têm observado os estragos feitos nas vertentes do Monte Fuji pela erosão. Grandes despreendimentos de terras precipitam enormes quantidades de areia e de rochas das encostas do Monte Sagrado no rio Urui que lhe passa perto. E a situação torna-se crítica porque, de ano para ano, os efeitos da acção corrosiva se tornam mais patentes e prevêem-se, desde já, os catastróficos resultados a que esse esboroamento pode conduzir: a derrocada do pico eternamente gelado do vulcão extinto, o qual acabaria por ficar com o aspecto dum gigantesco dente cariado!

Tão ciosos são os japoneses do seu Monte Sagrado que se dispõem a gastar vultuosos capitais na conservação da famosa montanha. Geólogos, botânicos e outros cientistas e técnicos procuram há alguns anos a solução do estranho mal. Já houve quem sugerisse o bombardeamento da montanha com cimento, por meio de helicópteros, mas a ideia teve de ser abandonada, devido ao incomportável custo. Outro alvitre lembrava a plantação, nas encostas desvastadas, de árvores e outra vegetação de grandes altitudes. Mas a solução não parece a mais conveniente, porque a experiência indica que algumas árvores de grande porte que já existem no Fuji são as responsáveis pelo aumento da erosão, na luta contra os elementos atmosféricos.

A resolução do problema parece encontrar-se na construção de represas que deteriam as terras deslocadas, tal como as barragens hidro-eléctricas detêm as águas fluviais.

Qual será a solução adoptada? Não se pode, por enquanto dar uma resposta a esta interrogação. Mas uma coisa é certa: o povo nipónico está disposto aos maiores sacrifícios para a manutenção do maravilhoso perfil da célebre montanha. Como se trata de um país de grande desenvolvimento técnico, pode ter-se esperança na salvação do Monte Fuji.

Para os escoteiros, este assunto tem grande actualidade porque é nessas longínquas paragens, mesmo junto da Montanha Sagrada, que se realizará o XIII Jambori Mundial.

O facto da ameaça que pesa sobre o monte famoso será suficiente para afastar muitos dos possíveis participantes do grande acampamento? Certamente que não. Se o estimado leitor tem planeada a ida ao Jambori, não ponha a ideia de parte. E não receie as belezas do grande monte, porque, a dar-se a derrocada do pico do Monte Fuji, ela não acontecerá nos anos mais próximos. As previsões indicam que, antes de 30 ou mesmo de 50 anos, tal desenlace não se verificará.

Portanto, caro leitor, vá mesmo ao XIII Jambori que, com certeza, não há-de ficar arrependido.



Edmundo Santos Matos

Noticiámos há dois meses que tinha regressado a Lisboa o antigo escoteiro e nosso dedicado amigo Edmundo Santos Matos, com quem tivemos o prazer de conviver na Tertúlia dos Antigos Escoteiros, em 23 de Novembro passado. Este nosso estimado companheiro, depois de uma ausência de 20 anos, regressava para matar saudades da sua Lisboa, rever amigos e companheiros e com a intenção de por aqui ficar. Trazia, no entanto, um problema de saúde que não parecia grave. Já lhe fora amputado um dedo de um pé na África do Sul, mas a infecção não estava debelada. Apesar dos aturados cuidados médicos que aqui lhe foram dispensados e da carinhosa assistência de sua irmã, o seu estado agravou-se perigosamente, pelo que sua família quis que regressasse a Lourenço Marques. Os médicos nesta cidade resolveram amputar-lhe a perna na derradeira tentativa de o salvar, porém, quando parecia correr melhor, sobreveio-lhe uma embolia que foi mortal.

Edmundo Matos começou a sua vida escoteira no Colégio da Rua do Teixeira, no Bairro Alto, em Lisboa, por onde também passou Luís Aurélio. Em 1920, fazia parte do 2.º Grupo, tendo depois pedido a transferência para o Grupo 1, na União Cristã da Mocidade. Tinha um carácter alegre, que mantinha ainda, e já nesse tempo demonstrava possuir conhecimentos de toda a ordem e, dado o seu modo desembaraçado, era elemento com quem se contava, *sempre pronto* a colaborar e bem disposto, ainda quando a vida lhe não sorria. Cantava com muita facilidade e possuía certo dom de palavra, pelo que no Grupo o aproveitavam muitas vezes para «orador oficial».

Algum tempo depois de ter cumprido em Santarém o serviço militar, foi convidado para chefiar o recém-criado Grupo 63 de Torres Novas, convite feito pelo Eng.º Brites de Vasconcelos, fundador daquela unidade. Da Direcção faziam parte dois oficiais do exército mais tarde General Afonso Botelho e Coronel Mário Rafael Cunha. Os primeiros escoteiros fizeram o seu compromisso de honra na presença do Presidente da República, General Óscar Carmona, que visitava Torres Novas naquela ocasião.

Edmundo Matos desempenhou muito bem o seu cargo, tendo o Grupo 63, sob sua chefia atingido grande desenvolvimento. Foi naquela vila que veio a casar e a educar os seus filhos.

Apesar do padecimento que o afligia, não podíamos supor que em tão breve tempo ficaríamos privados da sua companhia. Sabemos que Edmundo Matos recebia e lia sempre com emoção o «Sempre Pronto», de que era assinante desde o primeiro número.

«Sempre Pronto» apresenta sentidas condolências a sua viúva, Sr.ª D. Celeste Ribeiro Matos e a seus filhos e mais família.

APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DO ESCOTISMO

Lamentàvelmente, pouco há escrito sobre a história dos primeiros tempos do Escotismo em Portugal. Os documentos da época desapareceram entretanto ou andam dispersos na posse de particulares, tornando difícil a pesquisa de elementos válidos. «Sempre Pronto» desde o seu nascimento se tem preocupado em recolher dados certos para a narração de factos relacionados com os primeiros tempos do Movimento no nosso País, recorrendo quase sempre a testemunhos verbais de quem viveu ou assistiu a esses momentos.

Infelizmente, vão já rareando tais testemunhos, posto que se cumpre inevitàvelmente a Lei da Vida, tornando-se, por isso, cada vez mais importantes os depoimentos daqueles que ainda vivem e recordam os tempos da sua juventude.

Com o único interesse de servir o Escotismo e os escoteiros, e num esforço de coordenação do que nos for possível recolher, «Sempre Pronto» procura ouvir alguns dos mais antigos, com vista à sua contribuição para uma futura HISTÓRIA DO ESCOTISMO EM PORTUGAL.

Chefe José Rodrigues — um símbolo

Há muito retirado das lides escotistas, o chefe José Rodrigues, um dirigente que nenhum antigo escoteiro esqueceu, um nome que muitos dos actuais escoteiros conhecem e admiram, jamais deixou de viver intensamente o Escotismo, pautando toda a sua vida pelos princípios que o nortearam através dos anos em que dedicadamente serviu o Movimento. Para nós terá sido mesmo o mais típico chefe escoteiro de quantos passaram pelas fileiras do Escotismo e um daqueles cuja vida maior influência terá recebido da prática do Movimento.



O Escoteiro-Chefe José da Conceição Rodrigues

Eis porque escolhemos o chefe José Rodrigues para entrevistado do «Sempre Pronto», ainda que isso nos tenha obrigado a uma caminhada de mais de 100 quilómetros, por estradas alagadas, sob chuva torrencial. Mas não demos por mal empregado o nosso encontro.

*

Um museu escoteiro

Entrar na casa do Chefe José Rodrigues é um regalo para a vista e para o espírito de qualquer pessoa que alguma vez tenha sentido o ideal do Escotismo. É que a modesta mansão do velho Escoteiro apresenta-se-nos como um verdadeiro museu, um repositório de recordações de expressivo valor histórico, por entre peças de artesanato executadas pelas mãos habilidosas do nosso anfitrião, de acordo com a mais perfeita técnica escotista.

É neste ambiente de sede de escoteiros, bem decorada e cuidadosamente arrumada, onde todos os objectos, sem esquecer o uniforme, parecem aguardar apenas a ocasião de serem de novo utilizados, que vamos encontrar o chefe José Rodrigues com as suas recordações, as suas histórias de impressionante verdade, o seu temperamento de «antes quebrar que torcer» na defesa do ideal a que devotou toda a sua vida.

Não é difícil conversar com o chefe José Rodrigues, pois ele é um conversador emérito com muito para contar, revivendo com impressionante entusiasmo cada cena que ocorre à sua memória, narrando factos sobre factos numa cadência tal que se confunde, por vezes, a ordem cronológica dos acontecimentos, de tal modo estes se encontram vivos no seu cérebro.

Apenas uma ou outra pergunta do repórter e aí temos o desfilar de acontecimentos que marcam algumas etapas na história do Escotismo em Portugal:

— *Chefe José Rodrigues, sabemos que foi dos primeiros escoteiros portugueses. Como nasceu o seu desejo de ser escoteiro? Qual foi o seu primeiro contacto com o Escotismo?*

— «Assisti à primeira demonstração de escotismo em Portugal, feita por um grupo de escoteiros escoceses que veio a Lisboa, a convite da Associação Cristã da Mocidade antes mesmo de haver o grupo n.º 1. Aquele grupo esteve acampado no largo de S. Domingos, muito diferente do que é hoje, e ali fez demonstrações escotistas para o povo. Fizeram também vários desfiles pela cidade, tocando as suas tradicionais gaitas de foles, chamando muita gente curiosa da sua actuação.

«Também eu andei atrás deles e, apesar de já ter 19 anos, desde logo comecei a gostar do Escotismo. É que já desde pequeno eu era um apaixonado pela Natureza e por tudo que me proporcionasse movimento e ar livre. Gostava de fugir para a serra, percorrer rios e montes à procura de plantas raras e bichos que o meu professor primário me ensinara a conhecer e preparar. Mais tarde também o desporto me atraiu e dediquei-me à ginástica e natação na Associação Naval da minha terra, a Figueira da Foz. Tudo isto eu recebi com muito entusiasmo e exercia muita influência no meu espírito independente e aventureiro.

«Quando surgiram aqueles demonstrações de Escotismo, logo me entusiasmei e não tardou que sentisse a grande satisfação de pertencer ao Movimento».

O nascimento do Escotismo em Portugal (Continental)

— «Rudolfo Horner e Roberto Moreton, que haviam promovido a citada visita dos escoteiros escoceses, entusiasmam os jovens da sua União Cristã da Mocidade (Triângulo Vermelho) e fundam ali o grupo n.º 1.

«Ora eu pertencia à União Cristã de Jovens, que trabalhava em estreita colaboração com a U. C. M. e também ali começou a despertar o entusiasmo pelo Escotismo. Luciano Silva, Abel Santos e Silva, eu e outros rapazes resolvemos fundar também um grupo, que foi realmente o segundo a existir».

— *Porque não ficou a ser o n.º 2?*

— «Bem isso é uma história que nasceu de uma teimosia de Luciano Silva, um rapaz cheio de ideias esquisitas. Mas eu conto:

«Luciano Silva tinha umas certas ideias que eu não percebia muito bem, mas não gostava de contrariar porque ele era mais velho e era o presidente da União Cristã de Jovens. Ele tinha uma certa preferência pelo número SETE, que considerava o número perfeito, porque tem sete cores o arco íris, etc., etc. O certo é que foi empatando a coisa e... acabámos por ficar o n.º 7.

«Aliás, não podem imaginar a rapidez com que se fundaram grupos por todo o lado, isto muito antes de existir a própria Associação, dado o entusiasmo que o Escotismo despertou entre os jovens do nosso País.

«Vem a propósito referir que o grupo n.º 2 (não o actual) foi fundado na Ilha da Madeira por um filho da escritora Helena de Aragão, que era aviador. Tenho pena nunca ter chegado a receber documentação, que me foi prometida por aquele senhor, relativa à fundação daquele grupo, o qual se extinguiu pouco tempo depois.

«O actual grupo n.º 2 tinha inicialmente o número SEIS, funcionando numa sociedade que havia na rua da Emenda, onde passou a funcionar também a Associação dos Escoteiros, quando esta se formou. Só mais tarde tomou o número DOIS, tendo durante algum tempo sido conhecido pelo 6/2.

— *Lembra-se da primeira actividade de conjunto a que assistiu?*

— «Sim, e também do primeiro Escoteiro-chefe que nos dirigiu, na primeira vez que conseguimos reunir todos os grupos de escoteiros então existentes na Capital. Foi Pedro Nolasco, um senhor alto e forte que havia estado em Inglaterra onde conhecera o Escotismo e que alguém, não sei quem, conseguiu interessar pelo nosso movimento, para poder reunir todos os grupos já existentes. Duarte Borrego e eu fomos seus auxiliares na primeira concentração levada a efeito no Campo Grande. Queríamos fazê-lo Chefe Geral interino, pois ainda não havia a Associação».

— *Quantos grupos existiam nesse momento?*

— «Uns dez só em Lisboa. Mas não tínhamos qualquer ligação e cada um fazia o que muito bem lhe apetecia. Por isso desejávamos reunir e coordenar o nosso trabalho.

«Todavia o Sr. Nolasco afastou-se e só mais tarde se criou a Associação, que nos aparece fundada pelos grupos n.ºs 1, 2 e 3, mas num momento em que já existiam muitos mais grupos. É curioso que o secretário da sessão em que se resolveu formar a Associação foi precisamente Luciano Silva, o chefe do grupo n.º 7. Tenho pena que tivesse desaparecido o livro onde constavam essas primeiras actas, pois teríamos ali a história dos primeiros tempos associativos».

— Formada a Associação, começou a ser possível um trabalho conjunto entre os grupos...

— «Assim foi durante algum tempo mas, mais tarde, certa política de quem dirigia fez que aquilo se escangalhasse tudo!

«Foram tempos difíceis e de confusão. Julgo que o primeiro dissidente foi precisamente o grupo n.º 1, ao tempo chefiado por Ernesto de Sousa, que rompeu com a Associação após um acampamento geral no Alfeite, dirigido por Álvaro Melo a quem eu assistia como ajudante.

Continua na pág. 4

Chefe José Rodrigues — um símbolo

Continuação da pág. 3

«Mais tarde foi o próprio SETE que rompeu também com a Associação...»

— Não se podem considerar tais atitudes como abonatórias para o Escotismo em Portugal!...

— «Foram tempos maus! Entretanto, continuavam a aparecer mais e mais grupos, uns associados outros não e já não havia qualquer ordem para aquilo. Eram os «Boy scouts portugueses», os «Escoteiros municipais» (aos quais pertencia o actual presidente da A. E. P.), os «Escoteiros Maqueiros portugueses», etc.

«Passaram-se dois anos naquela confusão, que ninguém entendia e, um dia, resolvido a agir, disse para o meu chefe ajudante (já era eu o chefe do grupo n.º 7): «Namura, temos que fazer alguma coisa. Vamos tentar uma reunião de toda a rapaziada». Enviei então circulares a todos os grupos e à própria Associação.

«Marcou-se então uma reunião que, se a memória me não falha, se realizou no ATENEU, à qual compareceram todos os chefes. Pela Associação esteve presente o Dr. Tovar de Lemos, que convidámos para dirigir a sessão.

«Com as minhas fracas possibilidades de orador fiz notar que considerava um escândalo o que se estava passando e precisávamos pôr ordem no que se estava a fazer. Falou-se muito, nada se disse e marcou-se nova reunião para estudar o assunto. Nesta outra reunião o Dr. Tovar de Lemos fez-se substituir por Amâncio Salgueiro e... nada se adiantou.

«Convencido de que as pessoas da Associação não desejavam aceitar os meus pontos de vista, resolvi passar à acção, convocando uma reunião dos grupos para o Campo Grande e fiz-lhes notar que o Escotismo só podia progredir com *movimento* e não com palavras.

«A pouco e pouco tudo voltou à normalidade e o SETE voltou à Associação dos Escoteiros de Portugal, tal como os restantes grupos que se haviam separado».

Há novidades para nós nas declarações do Chefe José Rodrigues. Porque é intenção do repórter colher o maior número possível de elementos e sabemos que o nosso entrevistado tem ainda muito mais para nos contar, mudamos um pouco o rumo à conversa e o chefe José Rodrigues prossegue:

A história gloriosa do SETE

— «Apesar de já ter 19 anos quando entrei para o Escotismo, nem por isso foi menor o meu entusiasmo. Deixei-me sugestionar como um garoto pelos jovens escoceses que se apresentaram em Lisboa a fazer propaganda do Movimento e fui um dos entusiastas pela criação do grupo n.º 7, cuja chefia ficou entregue, por vontade unânime dos restantes componentes, a Luciano Silva, um grande amigo, uma alma nobre de elevados ideais, que mesmo depois de afastado da chefia do grupo, continuou a acompanhar-nos com dedicação e a apoiar-nos com interesse. Não era porém o tipo ideal do chefe-escoteiro, pois nem sequer gostava de uniformizar-se e, demasiado espiritualista, não dava aos rapazes a actividade que eles mais desejavam.

«Passei eu a dirigir o SETE, mantendo-me naquele posto até abandonar a actividade».

— *Sentiu muitas dificuldades para dirigir o grupo?*

— «Sim, muitas. A primeira foi a de impor o próprio Escotismo. O povo humilde a quem mais nos dedicávamos e acarinhávamos, até porque a maioria dos rapazes do meu grupo provinha como eu desse povo humilde, era o principal inimigo dos escoteiros e ofendia-nos, vaiava-nos e apedrejava-nos até.

— *Porque havia essa aversão aos escoteiros?*

— «Porque o povo considerava o Escotismo, como obra de burguesia e, portanto, um instrumento político».

— *Mas sendo os escoteiros rapazes modestos, porquê essa ideia de que eles podiam actuar como inimigos do povo?*

— «Bem, naqueles tempos de confusão, o povo anónimo, mal formado, incapaz de reconhecer à primeira o que era bom e o que era mau, manifestava-se sempre contra tudo que se lhes apresentava organizado. A eterna relutância por tudo que aparecia ao seu encontro apregoando servi-lo, sem nada lhe oferecer de imediato, senão palavras e atitudes que não entendia.

«Tal como o Desporto que então despontava também, o Escotismo era considerado recreio para «meninos bem» e só por isso merecia a aversão dos mais humildes.

«A primeira luta do Escotismo foi convencer os humildes de que o Movimento era para todos e, portanto, também para eles.

«Foi necessário que sucedessem certas desgraças para nos impormos aos olhos de todos, passando o merecer respeito e até admiração. Refiro-me às revoluções e aos incêndios que sacrificaram Lisboa».

Os tempos heróicos

— O grupo n.º 7 foi de grande actividade nesses tempos que podemos considerar heróicos para o Escotismo.

— «Sim. Embora arrostando com as censuras associativas, resolvi agir com os meus rapazes.

«Quando rebentou o *14 de Maio*, pensei: *Agora é que é ocasião para mostrarmos que a nossa missão é procurar ser úteis a todos*. E atirei-me para a frente. Fomos para a rua, transportar feridos ao hospital, ligar membros partidos, pensar feridas, estancar hemorragias, etc. Tudo quanto podíamos fazer com os conhecimentos adquiridos no Escotismo.

«Chegámos a ser respeitados a ponto de a nossa intervenção fazer suspender a luta, para que pudéssemos carregar feridos e mortos.

«O grupo n.º 1 fez outro tanto, perto da sua Sede, no Conde Barão.

«Começaram a haver actos heróicos entre os rapazes que, orgulhosos de trabalhar por uma causa tão nobre, se impunham à admiração e respeito de todos que iam tomando conhecimento das suas acções.

«É claro que comigo na rua só andavam os escoteiros mais velhos, porque aos outros os proibira eu de saírem de casa, embora desejassem também acompanhar-nos. Todavia, foi de um desses mais novos, o José Rolão, o acto que a seguir lhe conto:

«Estava a revolução no auge, a fuzilaria fazia-se ouvir por todo o lado. A força dos homens da Armada concentrava-se a bordo de alguns navios e dentro do Arsenal, cercada por forças inimigas. Um tenente pede um homem que voluntàriamente se preste a fazer um recado urgente ao comandante Leote do Rego. Os homens hesitam um pouco e, antes que algum deles se apresente, um garoto, vindo não se sabe de onde, agarra-se ao tenente e oferece-se para ser ele a fazer o recado. Era um escoteiro e o tenente confiou-lhe a mensagem. Passado algum tempo, o mensageiro voltava de casa do comandante Leote do Rego com a resposta ao recado que levara e, mandando este perguntar qual o prémio desejado pelo destemido garoto, a todos surpreendeu a resposta simples do pequeno escoteiro, que apenas desejava ir a bordo abraçar seu cunhado, sargento em serviço num dos barcos surtos no rio, para dele saber se estava de saúde, razão por que ali fora, arrostando com o perigo, no desejo de confortar sua irmã, aflita em casa sem notícias do marido».

«A acção dos escoteiros a todos impôs respeito e, acabada a revolução, éramos olhados com simpatia e admiração. O grupo n.º 7 tornou-se aliado da Cruz Vermelha e dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, com quem trabalhámos sempre em estreita ligação».

E quase sem retomar o fôlego, verdadeiramente empolgado pela recordação dos acontecimentos, o chefe José Rodrigues continua:

— «Depois veio a peste, a pneumónica, durante a qual os escoteiros do SETE prestaram excelentes serviços. Recordo que eu e 16 rapazes do meu grupo ficámos isolados logo que comparecemos no Liceu Camões, no momento transformado em hospital. O dr. Gomes da Silva deu-nos ordem de mobilização e ali ficámos a prestar os serviços necessários, por falta de pessoal. Tudo foi transformado para aproveitamento do espaço como hospital, com excepção da sede de escoteiros que ali funcionava, que desejei respeitar e da qual guardei a chave para a entregar mais tarde ao respectivo chefe. Tratava-se de um grupo de muito fraca actividade nesse momento.

«Vieram ainda os grandes incêndios: no Arsenal da Marinha, nas Encomendas Postais, na Sala do Risco, no Limoeiro e em todos eles eu estive com os escoteiros, que mostraram bem quanto valiam.

«Também trabalhámos com entusiasmo e patriotismo quando foram solicitados os serviços dos escoteiros devido às greves nas Encomendas Postais, cujo reconhecimento motivou a isenção de portes na correspondência enviada pelos grupos.

«Colaborámos desinteressadamente com as autoridades, procurando manter a ordem quando do histórico assalto autorizado às mercearias, que descambou em violenta pilhagem de muitos e variados estabelecimentos da cidade.

«Em tudo os escoteiros estiveram presentes e sempre com o SETE nas primeiras linhas.

«Fomos, assim, acabando com a má impressão que existia sobre nós. Começava-se a ver que o escoteiro era útil e que era bom; que desejava servir o seu semelhante, mesmo com sacrifício. Entre o mesmo povo humilde que antes nos olhava com suspeita, a ninguém era consentido dizer mal dos escoteiros porque tínhamos logo quem nos defendesse com calor.

«Foram estes actos e a conduta dos escoteiros que impuseram o Escotismo a toda a Nação e o fizeram reconhecer como Instituição de Utilidade Pública.

«Sinto-me orgulhoso de ter contribuído com os rapazes do meu grupo para tão honrosa distinção que a nossa Associação ostenta.

— *Teve alguma distinção especial por essa sua acção?*

— «Fui uma vez chamado ao então Ministério da Guerra onde fui louvado pùblicamente pela minha acção e a dos escoteiros nos acontecimentos em que interviemos, sempre como mensageiros da paz. De resto ganhei muitas amizades e muita consideração, o que é bastante.

M. G.

(Conclui no próximo número)

NUGAS

III

Nestas despretensiosas notas tenho-me referido a algumas frases que os séculos conservaram e constituem já hoje património de todos os homens, tantas vezes citadas, mas nem sempre outras tantas devidamente meditadas e compreendidas.

Uma há, que poderia considerar-se de flagrante actualidade, devida ao poeta Juvenal, que viveu no século II da nossa era e deixou um testemunho precioso dos vícios da sociedade romana do seu tempo, que ele se não cansou de profligar: as *Sátiras*.

Essa frase avulta entre muitas outras dessa famosa obra e a nossa época deu-lhe actualidade impressionante, particularmente quando a Europa se encontrava submetida ao domínio de ditadores que eram, do mesmo passo, tiranos como a Antiguidade poucos conheceu: *Hoc volo, sic jubeo, sit pro ratione voluntas*, isto é, «quero, ordeno e faça-se segundo a minha vontade». Diríamos, de forma mais sintética, mas em contrapartida mais expressiva: «quero, posso e mando».

Juvenal foi contemporâneo de alguns imperadores que, alçados ao poder sempre corruptor, dispuseram discricionàriamente dos haveres e da vida dos seus súbditos, a quem tantas vezes mandavam matar com requintes da maior ferocidade. Como tive ocasião de dizer na nota anterior, a *pessoa* ainda não fora descoberta, só os Cristãos, então ocultos por temor das perseguições, tendo a noção da igualdade do homem perante Deus, admitindo embora a desigualdade perante o poder dos reis.

E o pensamento condenável expresso lapidarmente pelo poeta, apesar de cerca de dois séculos depois Constantino I ter elevado o Cristianismo a religião do Estado, passou à Idade Média, e todos sabemos como reis e senhores, com raríssimas excepções, sempre consideraram diferentes de si próprios todos os que viviam do trabalho, quer se tratasse dos burgueses das cidades marítimas, dos mesteirais e artesãos, aos servos da gleba, por lei amarrados toda a vida à terra de que constituíam parte, embora não escravos.

Hoc volo, sic jubeo: esta foi a lei do mais forte desde o Império Romano até à Revolução Francesa, quando todos os privilégios desapareceram derrubados pela célebre Declaração dos Direitos do Homem: «Os homens nascem livres e são iguais perante a Lei», tal foi o princípio ousado que, embora preconizado e defendido pelos Enciclopedistas e por J.-J. Rousseau, só pela primeira vez figurou em texto legal na Declaração da Independência dos Estados Unidos da América, revoltados contra a Grã-Bretanha, exactamente para defenderem as suas liberdades ameaçadas pelo Fisco.

Passaram quase dois séculos e o Mundo, ou antes os homens de pensamento assistiram espantados ao renascimento da velha doutrina da vontade do Chefe, arvorado em Super-Homem, quase até em semideus, que sempre tinha razão e era inspirado pelo Céu: *Hoc volo, sic jubeo, sit pro ratione voluntas...*

Como foi possível tal renascimento de uma ideia completamente obsoleta, irracional, condenável, inadmissível, depois de tantos séculos de sofrimentos, de perseguições, de prepotências cometidas tão-sòmente porque assim o queria a vontade dos que haviam sido investidos (ou se haviam investido a si próprios...) no Poder supremo?

Acaso o Progresso é reversível? Admitindo-o, teríamos de substituir *ipso facto* a palavra, pois o termo pela sua etimologia implica exactamente um avanço, jamais um retrocesso: *pro*, para diante; *gredior*, ando. E isto seria evidentemente absurdo.

Na viragem da História que estamos a viver desde o final da I Grande Guerra, muito especialmente desde o da II, uma nova civilização encontra-se em gestação. E esta, por fas ou por nefas, será o que nós quisermos que seja. Se partimos de premissas erradas, nossos filhos, nossos netos, todos os nossos pósteros condenarão a nossa memória, porque, sendo nós filhos do século XX, nascido sob os auspícios da Liberdade, lhes deixamos em herança o princípio da Tirania, contra que em todos os tempos se revoltaram pensadores e simples servos da gleba, porque só em Liberdade o Homem pode alcançar a sua plenitude de 1.º dos Seres vivos, quer dizer, pode realizar-se.

Legaremos aos vindouros esta lição ou quereremos que a vontade do mais forte continue a tranformar o Mundo num ergástulo? Responda cada um de nós em sua consciência.

A. Álvaro Dória

Amigos em toda a parte

O Escoteiro Luís R. Wambier, caixa postal 449, Ponta Grossa, Estado do Paraná, Brasil, deseja conhecer endereços de grupos de escoteiros portugueses e espanhóis, com vista a troca de correspondência e de insígnias escoteiras.

Quem deseja corresponder a este irmão-escoteiro?

A PROPAGANDA DO TABACO
PROIBIDA EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O Município desta Vila acaba de tomar uma decisão inédita no nosso país, mas absolutamente justificada. Em reunião camarária, o vereador sr. eng. Acácio Madeira Pinto, propôs que fosse proibida a propaganda do tabaco em todo o concelho. Esta proposta foi imediatamente aprovada por unanimidade, entrando em vigor em 1 de Fevereiro próximo.

Perante o alarme que os meios científicos estão lançando acerca do grave perigo do tabaco, a deliberação do Município de Vila Real de Santo António está absolutamente justificada. Pena é que tenha apenas o valor de um testemunho, de um exemplo, porque a publicidade do tabaco, feita por poderosos meios de propaganda comercial, continuará a fazer-se sentir na área daquele município pelos instrumentos que escapam aos poderes locais.

Quando será que no interesse da saúde pública e, sobretudo, para salvaguarda da juventude, se proibirá a propaganda do tabaco em todo o país, como se está fazendo já noutras nações?

O ANIVERSÁRIO DE «SEMPRE PRONTO»

Por motivo do 26.º aniversário do nosso jornal, o nosso estimado amigo e dedicado colaborador sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva enviou-nos a seguinte saudação:

Angra do Heroísmo, Janeiro de 1971

Ao decorrer mais um aniversário do nosso Jornal, venho pela presente, com os meus melhores cumprimentos, desejar sinceramente a continuação das maiores prosperidades para «Sempre Pronto», na sua imprescindível e útil missão em prol do nosso Movimento.

Ao mesmo tempo, desejo à equipa que trabalha em «Sempre Pronto» um Novo Ano repleto de Paz e Prosperidades, na companhia dos entes queridos.

«Sempre Pronto a Servir»

a) *Jacinto dos Reis Moniz Silva*

NO CACÉM (Sintra)
O Grupo «Nuno Álvares Pereira» dos Escoteiros de Portugal promoveu festas do Natal

Esta unidade escoteira em organização no Cacém, localidade do concelho de Sintra, promoveu diversas comemorações do Natal. No dia 20, à tarde, realizou uma festa dedicada aos escoteiros e seus familiares, tendo sido exibidos filmes infantis e culturais, que muito agradaram a todos os presentes. Foram ainda distribuídas roupas, brinquedos e guloseimas a algumas crianças pobres.

A festa foi dirigida pelo E. C. João Fulberto Silva e pelo Chefe de Tribo Elísio Pimenta, tendo assistido o sr. Eduardo Rodrigues Cardoso, da administração civil, e o sr. Major João José Sousa Cruz, presidente do Grupo.

Nos dias seguintes, os Escoteiros distribuíram livros e revistas a doentes internados em diversos hospitais de Lisboa, iniciativa patrocinada pelos jornais «Diário de Lisboa», «Jornal de Sintra» e «O Século».

O Grupo do Cacém tem a sua sede em instalações cedidas pelo Seminário das Missões Consolata, na Quinta do Castelo.

Filatelia

por MENDES MARQUES

A batalha de Monte Cassino

De 5 a 18 de Agosto de 1969 teve lugar junto do Monte Cassino, em Itália, um acampamento bastante interessante e bem revelador dos sentimentos patrióticos da juventude polaca.

A nível mundial, o Campo comemorava o 25.° aniversário duma das mais sangrentas e decisivas batalhas travadas durante a 2.ª Grande Guerra Mundial. Nesta batalha, que teve por cenário as vertentes do Monte Cassino, o Corpo de Armas Polaco, sob o comando do General Wladislaw Anders, cobriu-se de glória.



Um carimbo especial foi aposto na correspondência e noutras peças comemorativas, mas apenas no dia 15 de Agosto, contendo a flor-de-lis inserida na insígnia daquele Corpo de Armas e a legenda «Raduno Scouts Polacchi 5-18 de Agosto 1969 — XXV anniversario battaglia Montecassino». Dois outros carimbos em borracha relacionados com o correio escotista polaco (levantamento de 1944) com as legendas «Harcerska Poczta Polowa 1969 Monte Cassino» e «Zjazd na Monte Cassino w 25 Liece Bitwy», servindo o primeiro para carimbar, na maioria dos casos, uma vinheta emitida na ocasião e muito circulada.

Mas não foi só em Itália que aquele aniversário foi comemorado. Em Chicago, por exemplo, as Guias locais fizeram circular um tríptico de vinhetas alusivas e impressas a vermelho, verde e prateado, tendo na do centro as ruínas do mosteiro existente em Monte Cassino. As dos lados, mais pequenas, continham a insígnia escotista polaca e na legenda, as palavras «To our Heroic Soldiers our Scouting CZUWAJ (Sempre Alerta) Girl Guides District Chicago USA», além das datas 1939 (30.° aniversário da invasão da Polónia pela Alemanha), 1944 (25.° aniversário do levantamento de Varsóvia — famoso pelo SEWER POST (a) — e da batalha de Monte Cassino).

Por esta comemoração filatélica, podemos avaliar quão aliciante se torna o tema Escotismo e quantas surpresas nos oferecem as actividades suscitadas na juventude.

(a) Não consegui tradução embora saiba que durante o citado levantamento os escoteiros polacos tiveram actuação destacada, com realce para o famoso correio. Efectivamente, os escoteiros, actuando na clandestinidade, usando os subterrâneos e esgotos como centros de acção, puderam prestar relevantes serviços no campo das comunicações. Isto na cidade de Varsóvia. Quaisquer informações complementares e mais esclarecimentos serão bem recebidos.

XXX POEMETO FILATÉLICO

Diante do selo comemorativo da fundação da Refinaria do Porto, 1970.

Porto, atraente mansão
De trabalho e simpatia,
Cuja histórica lição
Nos encanta e inebria
Com sincero entusiasmo,
Com aliciante agrado
(Casos há até com pasmo
Pelo seu inusitado!).
Desde a agulha ao alambique,
Desde a enxada ao tear,
Onde tudo se fabrique
Para bem se utilizar,
Exemplo é, na verdade,
De persistência na liça:
Reduto da Liberdade,
Escarmento da Preguiça!

Eduardo Moreira

Novidades

Não tem sido fértil em emissões o ano de 1970. Até à data, apenas 4 foram postas em circulação:

BAHAMAS — 3 val. comemorando o 50.° aniversário do Guidismo.

JAPÃO — 1 val. comemorando o 50.° aniversário das Guias japonesas.

ANGUILA — 4 valores também comemorativos mas do 40.° aniversário do escotismo local.

BOLÍVIA — 4 valores de homenagem ao Escotismo.

Exposição Filatética «Luanda 70»

Em Luanda efectuou-se recentemente uma Exposição Filatélica designada por «Luanda 70» e, segundo informações que nos chegam, no tema escotista foram obtidos notáveis prémios pelo nosso colaborador sr. José Manuel Mendes Marques e pelo nosso antigo colaborador sr. Fernando Gomes Carrão.

Ao primeiro, foi atribuída a medalha de *vermeill*, enquanto ao segundo a medalha de prata e prémio dos Serviços de Agricultura e Florestais de Angola.

O nosso estimado amigo Mendes Marques, dada a sua classificação, vai certamente expor no Primeiro Salão Nacional, que em fins do mês corrente se vai realizar em Lisboa, no Palácio Foz.

Será uma oportunidade interessante para todos os interessados na Filatelia Escoteira apreciarem a bela colecção daquele nosso colaborador.

UM NOVO RAMO ESCOTISTA:

O «Escotismo do Deserto»

Após vários anos de ensaios, os escoteiros e guias de Bharat, na União Indiana, acabam de juntar o «Escotismo do Deserto», ao Escotismo do Ar e Escotismo Marítimo, ramos já existentes.

O Escotismo do Deserto nasceu no Estado de Rajasthan, de que dois terços são constituídos pelo deserto de Thar. Compreende programas especiais e as provas e as insígnias satisfazem as necessidades particulares dos habitantes dos desertos.

Os lobitos, escoteiros e caminheiros do deserto devem aprender designadamente a encontrar, conservar e purificar a água, a protegerem-se do sol e a defenderem-se das doenças e perigos do deserto.

Importância primordial é dada ao camelo: conhecer as suas castas, características, hábitos e comportamento; como evitar a «loucura do inverno» e outras doenças do camelo; saber montá-lo e percorrer 30 milhas (48 km), montado num camelo, em três jornadas. Estas especializações dão direito à insígnia de «Cameleiro».

O conhecimento dos usos e vestuário dos habitantes do deserto, a orientação por meio das estrelas, o artesanato e o folclore do deserto, o povoamento florestal, a participação nas campanhas para a destruição das pragas de ganhanhotos e a previsão do tempo graças a velhos ditados e provérbios, são algumas das especialidades que dão direito a outras insígnias.

O Escotismo em Angola

Grupo n.º 36 — Luanda

Em Dezembro passado, foram admitidos onze novos elementos no Grupo, enquanto outros oito elementos tiveram de se afastar por motivos imperiosos de suas vidas.

Foram ainda feitas as seguintes nomeações: D. Alice Martins de Almeida, chefe de alcateia; Sérgio Luís Branco Roque e Aníbal de Albuquerque Moreira, respectivamente chefe de tribo e ajudante chefe de tribo e D. Maria Carolina de Sá Viegas, chefe de companhia.

● Em Novembro terminou o concurso «O Melhor Canto de Patrulha», tendo-se consagrado vencedora a patrulha «Castor».

● Em virtude do tempo quente, o Grupo tem realizado diversas actividades escoteiras na zona da praia, efectuando jogos náuticos, de campo e exercícios. Num concurso de catapultas realizado em 22 de Novembro passado, saiu vencedora a patrulha «Cavalo».

● Em 1 de Dezembro, o Grupo associou-se às comemorações do «Dia da Restauração». — C.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

Para inglês ver

Velho dito português que deve ter a sua origem na maneira superficial como se realizam as coisas, para lhe dar só aspecto exterior e sem que houvesse a intenção de cuidar do íntimo das questões.

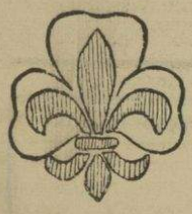
Aos que assim procediam interessava sòmente fazer boa figura. Se procurássemos o modo como o assunto tinha sido preparado, quais os cuidados aplicados nos pormenores da sua realização, chegava-se ràpidamente à conclusão de que tudo tinha sido preparado à pressa, sem ordem, quase sem um objectivo e, sòmente como recurso, tinha interessado dar a entender aos outros que tudo fora feito com plano, com ordem e que o objectivo fora atingido, deitando assim poeira nos olhos dos observadores incautos que se deixassem ir na onda da glória que os próprios a si tinham preparado.

Uma atitude destas perante os problemas é, no fundo, um sintoma de falta de sinceridade, de respeito pelos outros e por si próprios, sinónimo de incompetência e falta de energia.

Mas este mal não é de hoje nem de ontem, sempre tem existido. Numas épocas mais, noutras menos, nuns países ou noutros com maior ou menor acentuação, mas a sua origem tem raízes profundas na defeituosa personalidade humana. Para que desapareça é preciso que sinceramente empreguemos todos os nossos esforços para esse combate a nós próprios, de resto o mais duro de todos os combates. Por isso, me recordo duma legenda que acompanhava uma figura de S. Jorge combatendo o temível dragão e que dizia: «*Que mais rijo combate haverá, que a si próprio vencer-se?*».

É por isso que não é Escoteiro quem deseja; para o ser não basta fazer-se um Compromisso de Honra, nem tão-pouco cumpri-lo passivamente, não basta vestir a farda, nem ir ao campo e aprender as várias provas de classes; é necessário, e acima de tudo combater aquilo que intimamente nos diminua; é necessário, em resumo, batermo-nos como S. Jorge contra o mal, por aquele mal que nos mina. Para isso, para nossa ajuda, lá temos a Lei e o Compromisso que nos servirão de amparo; lá temos a destreza que nos dá a vida ao ar livre e os conhecimentos obtidos pelas provas de classe.

José Maria Nobre Santos



Antigos Escoteiros

Prof. Dr. Roger Kerber

Este nosso estimado amigo, membro do Conselho da «Amitié Internationale des Scouts & Guides Adultes», que foi o Chefe do Campo de Chefes no Jambori de 1951, na Áustria, sua pátria, deu entrada, em 16 de Dezembro passado, num hospital de Viena com um enfarte do miocárdio, mas, felizmente, o seu estado não impediu que nos escrevesse um simpático postal de Boas Festas.

Sinceramente lhe desejamos um pronto restabelecimento.

E Esta?

Isto era de esperar. Apareceram por aí uns senhores a dizer que, ganhar ou perder, tudo é desporto, e pronto! ficou tudo estragado.

Quando é que se conseguirá fazer compreender a esses sonhadores que é necessário ganhar sempre, de qualquer maneira, nem que o golo seja marcado em off-side *e a bola metida com a mão...*

Vem estas considerações a propósito das afirmações de um fiel *associado de um clube lisboeta de futebol que, em plena assembleia geral, não pôde calar a indignação ante factos que o encheram de vergonha!!!*

Disse ele;

— Os jogadores deste clube só querem bacalhauzadas. Eles até vão almoçar com os adversários no restaurante!!

É incrível que tal aconteça! Não lhes paga o clube para que ganhem, ganhem sempre? Confraternizar com o adversário! Como se pode consentir em tal?!

Deixem-se dos romantismos apregoados pelos que falam dessas coisas vãs, como a camaradagem desportiva, a alegria da prática do desporto, o respeito pelos regulamentos, a lealdade na competição. Ganhar ou perder para o clube é questão de vida ou de morte. Porque se perde, cai Tróia!

Uma pergunta mais:

— Não seria um bem para a sociedade se certas pessoas perdessem o uso da fala enquanto estivessem nas salas das assembleias gerais?

Os escutas de Torres Novas praticam Espeleologia

A Secção de Espeleologia do Grupo de Escutas de Torres Novas procedeu a um reconhecimento na gruta da nascente do Almonda, marcada como estação neolítica.

Os escoteiros fizeram o reconhecimento das grutas estudadas pelos arqueólogos até 1947, pernoitaram na gruta, e no dia seguinte conseguiram progredir mais 200 metros, vindo a descobrir uma escadaria primitiva de apoios circunformes cortada na rocha, que foi fotografada para ser estudada por especialistas.

Em New Bedford, nos Estados Unidos um chefe escoteiro português recebeu a insígnia de madeira

O nosso estimado assinante sr. Sebastião da Silva, radicado nos Estados Unidos, em New Bedford, membro do Comissariado do Distrito Norte daquela região escoteira, recebeu em Outubro passado a Insígnia de Madeira e o respectivo lenço, depois de provas prestadas no esquema de treino deste Curso de Chefes.

Daqui enviamos uma saudação especial àquele nosso camarada.

Comodoro Diogo Afonso

Este ilustre oficial da nossa Marinha, digno tesoureiro-geral da Associação dos Escoteiros de Portugal, dirige-nos palavras de agradecimento pelas referências que tivemos ensejo de publicar a propósito da sua recente promoção. Aproveita a oportunidade para desejar, a todos os que no «Sempre Pronto» trabalham, boas festas e próspero Ano Novo.

Apraz-nos retribuir estes votos, que muito agradecemos.

Pequena imprensa escoteira

«O Fogo»

Foi distribuído o n.º 4 deste boletim publicado pelo Agrupamento n.º 278 do C. N. E. em S. Cosme de Gondomar. Agradecemos a visita.

Cumprimentos ao «Sempre Pronto»

Aproveitando a passagem da quadra do Natal, recebemos felicitações dos nossos prezados amigos e assinantes Srs. D. Raquel e José Dionísio dos Santos, de Queluz; Eugénio Ribeiro Nunes, de Lisboa; António Viegas Custódio, de Carcavelos; Luís Alves Miguel, da Costa da Caparica; Prof. Leopoldino da Rocha Tavares, de Angra do Heroísmo; António Jesus de Brito, de Luanda; António Emílio Carvalho Barbosa, José Luís Pinto Machado, Horácio José Paiva, do Porto; Mário Silva e Agrupamento S. Miguel do C. N. E. em Carmona, Angola; Agrupamento 95 em Vila da Maia, do C. N. E.; Victor de Lima e Santos, Comissário Internacional do Escotismo Português; Companhia de Guias Rainha Santa Isabel, do Porto; Comité Mundial do Escotismo, de Genebra, Suíça; António da Encarnação Amêndoa, de Alhandra; e Livraria Cruz, de Braga.

Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal; Grupos de Escoteiros de Portugal n.os 19, da Pontinha, Lisboa; 4 do Porto; Nuno Álvares Pereira, do Cacém; 39, de Benguela; do Dondo, Moçambique.

Também os nossos estimados amigos Srs. António Francisco Xavier de Brito e Justino Estêvão da Silva tiveram a gentileza de nos visitar para pessoalmente nos apresentarem cumprimentos.

A todos agradecemos muito gratos e saudamos com amizade.

CONTINUAMOS...

Continuação da pág. 1

de todos, pela sua fina personalidade, dotes de carácter e elevado sentido de cordialidade e camaradagem. Referimo-nos a Luís Simões Aurélio, alma de eleição e espírito generoso, escoteiro na mais elevada acepção da palavra.

Foi assim o ano de 70. Com os seus altos e baixos, estes 365 dias não vieram resolver qualquer problema. Não teriam também sido agravados os que se herdaram dos anos anteriores?

O futuro continua indeciso, com a Humanidade a procurar, sem muita convicção, o trilho que mais lhe convenha. «Sempre Pronto», por sua parte, olha os tempos vindouros com a esperança dos que sentem poder cumprir o seu dever. O valioso grupo de amigos que pôde reunir à sua volta é ainda o mais forte esteio em que ele pode confiar.

«Sempre Pronto» continua. Mas continua sob o lema do esforço generoso e da boa vontade dos seus colaboradores e amigos. A hora continua a ser de esforço. É este o signo do trabalho deste jornal.

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

O XIII JAMBORI DO AR

O Grupo 52, de Angra do Heroísmo, teve brilhante participação nesta interessante e importante actividade escotista

Confirmam-se os prognósticos: foram excelentes os resultados conseguidos pelos nossos grupos neste 13.º Jambori no Ar. A juntar aos relatórios de que «Sempre Pronto» já se fez eco em números anteriores, publicamos hoje um resumo do trabalho levado a cabo pelo 52, um dos grupos de mais tradições entre os da AEP, cuja actividade tem honrado sobremaneira o escotismo açoriano, mercê da dedicação de um punhado de escoteiros que compreendem perfeitamente o ideal de B.-P.

Pois neste ano o 52 conseguiu nada menos de 70 contactos, isto apesar das condições de transmissão e recepção não serem as mais favoráveis.

De novo *a bordo* do posto CT2AP, do distinto radiamador sr. Vítor Jorge Pamplona Ramos, houve logo uma contrariedade que quase ia deitando por terra todos os projectos dos nossos irmãos açorianos. Um forte temporal, na véspera do início do JOTA, avariou as quatro antenas do CT2AP. Só na manhã de domingo é que foi possível ao seu proprietário reparar a antena dos 20 metros e assim permitir a presença do 52 nesta actividade.

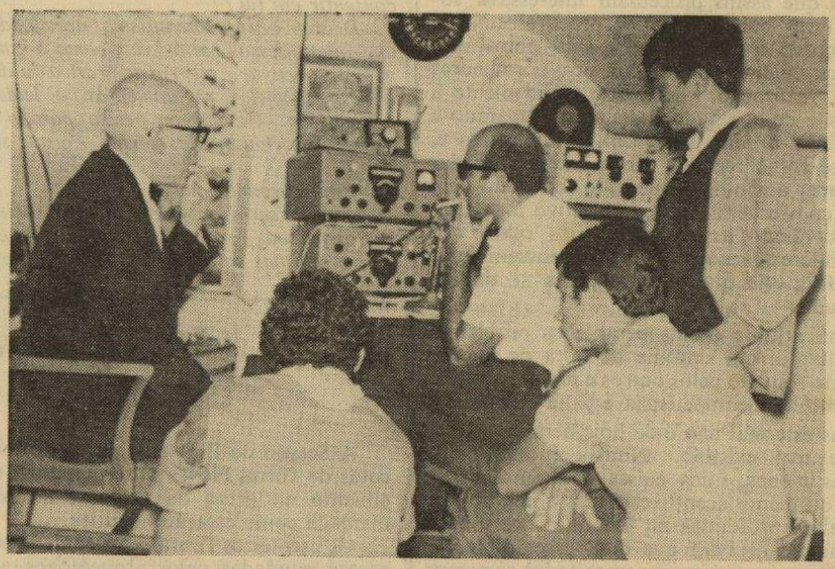
Foram estes os resultados obtidos:

Estrangeiro: contactos obtidos: Alemanha (7), Argélia, Áustria (2), Brasil (Belo Horizonte), Canadá (7), Checoslováquia (2), Colômbia, Escócia, Espanha, Estónia, França (3), Holanda (2), Ilha da Ascensão, Índia, Inglaterra (9), Irlanda, Itália (5), Jamaica, Noruega, País de Gales, Polónia, Rússia, Suécia (2), Terra Nova, Ucrânia e Venuzuela (2).

Portugal: 6 contactos com postos do Continente não identificados; 1 contacto com: chefe Viegas Custódio, em Carcavelos; Grupo 23, em Lisboa; Grupo 4, no Porto; Companhia de Guias Rainha Santa Isabel, também no Porto; Grupos 107 CNE e 80 AEP, em Ponta Delgada (Açores); 2 contactos com postos não identificados de Cabo Verde.

Pelo que acima relatamos, pode fazer-se uma ideia do que seria a participação do Grupo 52, caso as condições atmosféricas não tivessem impedido de operar no sábado dia 17. Parabéns aos nossos camaradas dos Açores.

Contamos apresentar relatos da participação doutros Grupos no próximo número, assim eles nos cheguem às mãos.



O radiamador sr. Pamplona Ramos e os escoteiros do Grupo 52, de Angra do Heroísmo, em pleno trabalho no Jambori no Ar. Está também presente o nosso delegado nos Açores, o chefe do 52, sr. Moniz Silva

DE MÊS PARA MÊS

VIGOR E AVENTURA!



Em fins de Dezembro, o repórter de «O Primeiro de Janeiro» ficou surpreendido ao encontrar no topo do Marão, coberto de neve, duas grandes tendas, alaranjadas, surpresa que cresceu por não ter conseguido saber quem eram os autores daquela aventura, facto que contou no seu diário de 27 daquele mês.

O mistério foi desvendado porque os Caminheiros do Grupo do C. N. E. de Polvoreira, Guimarães, se apressaram a esclarecer serem eles os campistas da neve, para onde tinham partido no dia de Natal e regressado na segunda-feira. E acrescentam: «Foi realmente o desejo de aventura e de comunhão com a Natureza que nos levou a fazer esta experiência diferente do dia a dia e um pouco difícil. Foi realmente uma experiência maravilhosa».

Os Caminheiros da Polvoreira mostraram que tinham coragem para gozar o prazer de uma aventura em plena Natureza e que conheciam a técnica do montanhismo no inverno. Sobretudo, testemunham que o Caminheirismo é «uma alegre fraternidade do ar livre» e que se destina a promover actividades que desenvolvam as energias físicas e espirituais. Ser caminheiro é essencialmente ser capaz de ir mais além do que qualquer outro, é estar preparado para enfrentar as contingências da vida, mesmo as mais duras.

Será isto que todos os Caminheiros estão a promover ou contentam-se com actividadezinhas mornas, com exercícios infantis, com escotismo de sala? Merece a pena meditar nisto.

Luís Simões Aurélio

A sr.ª D. Jesuína Aurélio, a propósito do falecimento de seu marido, o sr. Luís Simões Aurélio, nosso saudoso colaborador, pede-nos que façamos sentir o seu profundo reconhecimento a todos os amigos que se interessaram pelo estado de saúde de seu marido, durante a doença que o acometeu, se incorporaram no funeral ou nele se fizeram representar, bem como a todos os que, de qualquer maneira, manifestaram o seu pesar pelo doloroso acontecimento

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director e Editor — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO — Administrador
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00